

COLUNA DO HERÓDOTO

Não gostamos de livros



Heródoto Barbeiro (*)

O líder absolutista chegou a uma conclusão. Seu período no poder era tão importante que a história deveria começar naquele momento.

Nada que lembrasse o passado deveria ser guardado. O presente era tudo. O prestígio de seu governo, do país, o crescimento econômico, o esplendor das artes atestavam que ele estava certo. Como de costume o grupo dos que o cercavam aplaudiam. Uns por puro puxa-saquismo, outros por medo da ira do líder contra os que se dignavam a não achá-lo o mais importante homem da terra.

Afinal a China era considerada o império do meio, e à sua volta apenas povos bárbaros, iletrados, incultos, viviam. Era preciso um ato heroico, de grandeza para dar início na nova era. O imperador, Qin Shi Huang, mandou queimar os livros dos letrados. Para obter dos seus súditos uma obediência incondicional, este imperador ordenou a destruição das obras dos confucionistas, acusados de subversão. Ele não teve dúvidas, mandou tocar fogo em tudo que pudesse lembrar épocas passadas.

A memória nacional passaria a ser registrada do seu reinado para frente. O primeiro imperador da dinastia Chin, do século 3 a.C. fez uma imensa fogueira com os papéis de arroz. Aqueles que foram pegos escondendo livros pagaram com a vida. Alguns devotos decoraram textos ou conseguiram esconder alguns exemplares, e assim o pensamento de Confúcio, Lao-tsu e de outros filósofos sobreviveram. E o ditador de manto amarelo, finalmente, teve o seu lugar na história assegurado.

Na mesma época, uma biblioteca pretendia acumular toda a sabedoria do mundo conhecido. Em frente a uma feira onde um mágico tinha uma esfera de metal capaz de girar sozinha, apenas expelindo vapor, se apresentava e um templo gigantesco só permitia que os deuses fossem vistos se colocadas moedas nas engrenagens, ali nasceu uma biblioteca. O conquistador macedônio Alexandre, deu o seu aval para a instituição. Colaborou incentivando a vinda de pensadores gregos,

mesopotâmicos, egípcios, persas, hindus para que juntassem os seus escritos na biblioteca de Alexandria, bem na foz do Rio Nilo.

A ação proporcionava o encontro da cultura ocidental grega com o mundo oriental, traduzida em milhares de pergaminhos estocados. Nascia o helenismo. Tudo se perdeu 200 anos depois em um grande incêndio. O que restou dela sobreviveu por 10 séculos até que um potentado invasor atinou que os livros eram perigosos, relatavam experiências proibidas pela religião islâmica. O melhor e mais seguro era pôr fogo em tudo novamente.

Por pouco não se perderam os textos de Platão, Aristóteles e outros pensadores que tiveram suas obras traduzidas para o árabe. Mais uma vez a areia escapou pelos dedos do tirano. Quanto eles mais apertam, mais ela escorre. Hoje as bibliotecas não correm mais o risco de serem queimadas. Museus, sim. Graças a era digital as grandes bibliotecas mundiais cabem na palma da mão de um ser humano que tem acesso à internet.

Em apenas dois segundos ela contém toda a informação acumulada por séculos em Alexandria. Em 20 minutos todo o acervo da biblioteca do Congresso, a maior do mundo. Em dois dias a quantidade de dados que carregam todo tipo de informação equivalem a tudo que o ser humano produziu desde o início da civilização até os dias atuais. Não há mais necessidade de acumular todo o conhecimento em um só livro, prédio, cidade ou país.

Graças à digitalização tudo circula pelo mundo e se acumula em bilhões de arquivos nos mais diversos equipamentos, do grande computador ao celular. Os tiranos, ditadores, absolutistas não sabem mais para onde mandar os seus capangas para pôr fogo nos livros. Nada mais se assemelha à sanha nazista contra os livros, quando invadiam bibliotecas e casas. As piras, uma delas na avenida Unter den Linden, em Berlim, foi comemorada com festa e desfile dos devotos de Hitler.

Nada disso impediu que as obras de Thomas Mann, Sigmund Freud, Karl Marx e muitos outros se perpetuassem.

(*) - É editor-chefe e âncora do Jornal da Record em multiplataforma.

Se pararmos de vacinar, doenças voltarão mais forte, alerta ministério

A coordenadora do Programa Nacional de Imunizações do Ministério da Saúde, Carla Domingues, alertou para a necessidade de os três entes federados trabalharem juntos para mobilizar a população sobre a importância da vacinação

Durante a 20ª Jornada Nacional de Imunizações, no Rio de Janeiro, ela lembrou que o país enfrenta queda na adesão às vacinas – no ano passado, das 14 doses que integram o programa, apenas a BCG, aplicada em recém-nascidos para prevenir a tuberculose, atingiu a meta de 95% de cobertura.

“Não podemos esmorecer e deixar de vacinar nossas crianças. Elas são as mais vulneráveis e, no momento de circulação de um agente, elas são as mais afetadas”, disse. “Se nós pararmos de vacinar, essas doenças vão recrudescer”, completou, o destacar que, desde a década de 70, quando o programa foi criado, o ato de vacinar deixou de ser uma opção no Brasil e passou a ser uma obrigação.

A coordenadora admitiu, entretanto, que é preciso adequar



Desde a década de 70, quando o programa foi criado, o ato de vacinar deixou de ser uma opção e passou a ser uma obrigação.

os serviços públicos de saúde à nova realidade brasileira – de homens e mulheres que trabalham em período integral enquanto a maioria dos postos de saúde no país funciona de

segunda a sexta em horário, muitas vezes, inferior ao comercial, fechando para almoço. Entre as estratégias sugeridas estão horários flexíveis para funcionamento dos postos

e parcerias com instituições de ensino, além do combate às chamadas fake news e aos grupos anti-vacinas.

Durante o encontro, Carla citou o cenário de sarampo registrado no Brasil atualmente – a doença havia sido erradicada, mas ensaia um retorno em meio a baixas taxas de cobertura vacinal. Dados mostram que, mais de 45 dias após o início da campanha, que precisou ser prorrogada em duas semanas, o índice de cobertura finalmente chegou a 97% das crianças com idade entre 1 ano e menores de 5 anos. “A gente começa a vacinação na infância, quando o sistema imunológico não está protegido”, explicou a coordenadora. “Se eu elimino o agente patológico da natureza, vou estar, com certeza, protegendo a população adulta”, concluiu (ABR).

Alemanha será sede da Eurocopa de 2024

O Comitê Executivo da Uefa definiu ontem (27) a Alemanha como país-sede da edição de 2024 da Eurocopa. A única concorrente era a Turquia, mas fatores extracampo provavelmente pesaram na escolha da entidade que rege o futebol europeu, já que a qualidade dos estádios alemães e a infraestrutura das cidades do país são melhores em comparação com as dos turcos.

Outro fator que pode ter influenciado na decisão da Uefa é a atual situação política e econômica da Turquia, que viu sua moeda se desvalorizar após sanções dos Estados Unidos. A última edição da Eurocopa contou com 24 seleções e foi disputada em 2016, na França, tendo sido vencida por Portugal.

A próxima será realizada em 12 cidades diferentes: Londres, Munique, Roma, Baku, São Petersburgo, Bucareste, Amsterdã, Dublin, Bilbao, Budapeste, Glasgow e Copenhague. A Alemanha não organiza a Eurocopa desde 1988, ano em que a competição foi vencida pela Holanda, além de ter sido disputada com oito seleções (ANSA).

2ª Guerra Mundial deixou impactos na atmosfera

Os bombardeios dos Aliados (Estados Unidos, Reino Unido, União Soviética e China) durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) não causaram devastação somente na Terra, mas deixaram rastros também na atmosfera. As ondas de choque causadas pelas bombas foram tão fortes que chegaram à ionosfera, camada mais externa do planeta, a mais de mil quilômetros de altura.

A revelação foi feita por um estudo da Universidade de Reading, no Reino Unido, publicado na revista “Annales Geophysicae”, cujos resultados permitem entender melhor a influência na atmosfera de fenômenos como erupções vulcânicas, raios e terremotos. “Até agora, o impacto das bombas nos estratos mais altos da atmosfera nunca havia sido estudado”, afirma Chris Scott, um dos autores do estudo.

“Cada ataque causou pelo menos 300 raios”, acrescenta o cientista. Os pesquisadores examinaram registros diários feitos entre 1943 e 1945 pelo Centro de Pesquisa de Ondas de Rádio de Slough, no Reino Unido, analisando as mudan-



Bombardeios diminuíram concentração de elétrons na atmosfera.

ças detectadas na ionosfera durante 152 grandes bombardeios dos aliados na Europa.

A concentração de elétrons na camada atmosférica diminuiu drasticamente enquanto as bombas explodiam próximas à terra, o que, segundo a pesquisa, pode ter sido causado pelo aquecimento do ar.

“Os pilotos que participavam dos bombardeios relatavam avarias aos aviões mesmo quando estavam acima da altitude recomendada, enquanto

os militares que estavam no chão, sob os bombardeios, afirmam que chegaram a ser arremessados pelas ondas de choque”, relata Patrick Major, coautor do estudo.

“Circulavam também boatos que aconselhavam a quem estivesse nos refúgios próximos às áreas de combate que enrolassem uma toalha em volta do rosto, para evitar que as ondas de choque colapsassem os pulmões, deixando o resto do corpo intacto”, conclui (ANSA).

Italianas Gucci e Dior abrem a Paris Fashion Week

Depois de Nova York, Londres e Milão, é hora de Paris mostrar a moda para a estação primavera-verão 2019. A temporada da Semana de Moda na “cidade-luz”, que começou no último dia 24 e vai até 2 de outubro, teve as italianas Gucci e Dior como responsáveis por abrir as passarelas.

A Gucci, que ficou de fora do calendário em Milão, apresentou a nova coleção do diretor criativo da marca, Alessandro Michele, no teatro Le Palace, no coração de Montmartre, onde ficava a balada mais famosa da cidade nos anos 1970. O desfile da grife teve uma mistura de estilos, experimentações de volumes e tecidos na passarela, com modelos quase “no gender”, com looks e acessórios unissex.

O toque do show também foi aos anos 1970, com homenagem a Janis Joplin, David Bowie e Dolly Parton, misturada com



lurex e cristais. Já Maria Grazia Chiuri, diretora criativa da Dior, não queria que os convidados tirassem milhares de fotos durante o desfile, assim, idealizou um espetáculo de dança contemporânea para apresentar a nova coleção.

Com ritmo, movimento e música, a coleção feminina da maison encontrou inspiração em óperas de artistas parisienses. As roupas eram leves, ainda com o luxo da grife, juntando looks de saia em tule, das bailarinas, com jaquetas, blusões e cores suaves (ANSA).

Adultério deixa de ser crime na Índia

O Tribunal Supremo da Índia descriminalizou o adultério no país, ao declarar inconstitucional uma lei de quase 160 anos, que tratava a mulher como objeto, deixando o marido decidir se as relações sexuais com outro homem eram causa de crime ou não. A lei em vigência tem consonância com a sociedade indiana, predominantemente patriarcal, na qual existe forte preferência pelos homens, já que perpetuam a linhagem, cuidam dos pais na velhice e lhes asseguram uma renda.

A isso se somam os caros (e ilegais) dotes que as mulheres devem pagar no casamento. Depois que se casam, elas passam a fazer parte da família do marido. A decisão do Tribunal Supremo foi tomada depois de outra sentença histórica este mês a favor da igualdade, na



A sociedade indiana é predominantemente patriarcal.

qual o principal órgão de Justiça declarou inconstitucional outro artigo da época colonial no qual as relações homossexuais eram penalizadas.

A turma composta por cinco juizes e liderada pelo presiden-

te do Supremo, Dipak Misra, declarou que o artigo 497 do Código Penal, que impunha penas de até cinco anos de prisão por adultério não consentido pelo marido, é inconstitucional. “Qualquer disposição que trata

a mulher com desigualdade não é constitucional”, afirmou Misra, que redigiu seu veredito em parceria com mais dos juizes da turma, enquanto os outros três magistrados pronunciaram sentenças individuais, nas quais concordaram com a inconstitucionalidade do artigo.

“Está na hora de dizer que o marido não é dono de sua esposa. A soberania legal de um sexo sobre o outro é errada”, ressaltou o presidente do principal órgão de Justiça indiano, que insistiu na “arbitrariedade” do artigo. Misra afirmou, além disso, em posição contrária àqueles que defendem esta lei como protetora da não dissolução do casamento, que “o adultério poderia não ser a causa de um casamento infeliz, mas o resultado” (Agência Brasil/EFE).

Empresas & Negócios

Para veiculação de seus Balanços, Atas, Editais e Leilões neste jornal, consulte sua agência de confiança, ou ligue para

TEL: 3043-4171 FAX: 3106-4171

www.netjen.com.br

Empresas & Negócios

José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Diretora Comercial: Lilian Mancuso (lilian@netjen.com.br)

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Laser/Cultura: Laura Lobato De Baptisti (lauralobato11.ll@gmail.com); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br); TV: Tony Auaud (central-noticia@bol.com.br). Revisão: Sônia Souza.

Webmaster/TI: Ricardo Baboo; Edição Eletrônica: Ricardo Souza e Walter Almeida. Impressão: LTJ Gráfica Ltda. Serviço informativo: Agências Estado, Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Vergueiro, 2949 - 12º andar - cjs. 121 e 122 - Vila Mariana - Cep: 04101-300. Tel. 3043-4171 / 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br) - Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 - JUCESP, Nire: 35218211731 (6/6/2003) - Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

RIO DE JANEIRO: J.C. REPRESENTAÇÕES E PUBLICIDADES EIRELI Av. Rio Branco, 173 / 602 e 603 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20040-007 Tel. (21) 2262-7469 - CNPJ 30.868.129/0001-87

Colaboradores: Cicero Augusto, Eduardo Shinyashiki, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro, J. B. Oliveira, Leslie Amendolara, Mario Enzo Belio Junior.